

SBN – Série Depoimentos

Dr. Gilson Soares da Silva

(Depoimento ocorrido no final de agosto de 2011)



1) Como foi, em linhas gerais, que você acabou se tornando docente e pesquisador voltado à Nematologia de Plantas?

O primeiro contato com os nematoides ocorreu no primeiro ano do Curso de Agronomia na Universidade Federal Rural de Pernambuco, nas aulas de Zoologia, ministradas pelo Prof. Newton Banks. Logo me identifiquei com aqueles animais, aliás, os únicos que despertaram o meu interesse. Durante o curso, estagiei na Seção de Fitopatologia, no então IPEANE, com o Dr. Albino Fernandes Vital que trabalhava com viroses em feijão caupi. Após concluir a graduação, fui convidado para trabalhar na Secretaria de Agricultura do Maranhão. Lotado no Departamento de Pesquisa e Experimentação, a primeira missão foi criar o Laboratório de Fitopatologia. Não se conhecia nada sobre doenças de plantas no Maranhão. De imediato, passei a coletar material e estudar algumas doenças, especialmente, aquelas que incidiam sobre as culturas de maior interesse econômico, pesquisadas do ponto de vista agrônomo em vinte e seis campos experimentais distribuídos pelo Estado. Desse trabalho, resultou a publicação “Contribuição ao levantamento fitopatológico do Estado do Maranhão”, com o registro de várias culturas hospedeiras de *Meloidogyne* spp. Em 1973, fui convidado a lecionar as disciplinas Fitopatologia Especial e Microbiologia na Escola de Agronomia do Maranhão. Insistia em pesquisar os nematoides, entretanto as doenças fúngicas, as que ocorriam em maior número, tomavam muito tempo. Com relação às espécies de *Meloidogyne*, ao deparar-me com alguma dúvida, recorria ao Prof. Lordello, que sempre me atendeu com muita presteza, inclusive, enviando-me publicações. Guardo até hoje algumas de suas cartas contendo as respostas às minhas consultas. Atualmente, recorro à Dra. Regina Carneiro nos casos de *Meloidogyne* e a outros colegas quando se trata de um gênero diferente. Em 1976, iniciei o Mestrado em Fitopatologia na ESALQ. Embora aceitei como orientando do Prof. Dr. L. G. E. Lordello, não pude fazer a dissertação com nematoides como pretendia e fui trabalhar com fungo (*Verticillium*), fato esse que só aumentou a minha vontade de trabalhar com nematoides. Já em 1984, iniciei o Doutorado na UFV, sob a orientação do Prof. Dr. Silamar Ferraz. Quando voltei ao Maranhão, comecei dedicar mais tempo aos nematoides, envolvendo alunos de graduação e pós-graduação em projetos de pesquisa. Além disso, dediquei, e ainda dedico, um bom tempo à extensão, proferindo palestras e atendendo inúmeras consultas de produtores rurais sobre doenças de plantas causadas por outros patógenos.

2) Você tem se constituído num dos raros profissionais a cuidar dos assuntos ligados aos fitonematoides no Nordeste e, possivelmente, o único no Maranhão durante um bom período; fale a respeito das consequências decorrentes desse relativo isolamento.

Sempre estive consciente de que o meu maior problema em trabalhar no Maranhão era enfrentar o isolamento científico. Às vezes, deixava de realizar uma pesquisa, por achar, a princípio, que não seria interessante. Chegava aos congressos e via a minha idéia posta em prática. Esse isolamento não deixou de influenciar a minha formação. Mesmo assim, a vontade de trabalhar com os nematoides era cada vez maior. Apesar da falta de incentivo para a pesquisa na região Nordeste, mantinha contato com pesquisadores de vários estados, via carta, pedindo orientação, material bibliográfico etc. Com a criação da Sociedade Brasileira de Fitopatologia, do Grupo Paulista de Fitopatologia e da Sociedade Brasileira de Nematologia, as dificuldades foram sendo minimizadas, pois essas sociedades, ao iniciarem a publicação dos seus periódicos, muito contribuíram para a divulgação do conhecimento científico, além de outros meios de comunicação mais recentes. Contudo, até hoje, continuo sozinho no trato com os nematoides por aqui. Mesmo sem ter com quem dialogar, consegui vencer os obstáculos adquirindo uma literatura especializada, participando de congressos, projetos de pesquisa e publicando artigos. Atualmente, outros pesquisadores que foram por mim treinados já começam a desenvolver alguns trabalhos com nematoides. Resumindo, posso dizer que, considerando a realidade do local o qual escolhi para trabalhar, adotei, desde o início, o princípio de Ramon Cajal: "Pior do que falta de recursos é a miséria da falta de vontade". Depois, em Piracicaba, ouvi o Dr. Salvador de Toledo Piza Júnior dizer: "não queiram justificar a falta de trabalho pela falta de dinheiro, pois amanhã alguém lhe dará o dinheiro e você terá que inventar outra mentira".

3) Na especialidade nematológica, qual(is) foi(ram) a(s) linha(s) de pesquisa que você teve condições de desenvolver no âmbito de sua região geográfica e os principais resultados delas? Contou com apoio público e/ou privado para tanto?

Sempre quis ser taxonomista. Não consegui. Como não dispunha de muitos recursos materiais, resolvi desenvolver uma linha de pesquisa mais prática, menos dispendiosa: controle de fitonematoides por meio de produtos naturais, da incorporação de matéria orgânica, de plantas antagonistas e da rotação de culturas, métodos voltados principalmente ao pequeno agricultor. Nem sempre tive o apoio necessário. Mesmo assim, publiquei vários artigos como resultado desse trabalho. Aprovei, ainda, projetos em órgãos financiadores, o que me permitiu melhorar as condições de trabalho, notadamente, no laboratório. Do setor privado, não recebi nenhum apoio, apesar de ter feito algumas solicitações nesse sentido.

4) Apesar da distância geográfica, você sempre foi participante assíduo dos congressos da SBN, com pôsteres e apresentações orais. De alguma forma a SBN influenciou no desenvolvimento de sua carreira? Em caso positivo, como isso se deu?

Sim. Em todos os congressos da SBN sempre aprendi muito. Nunca tive vergonha de perguntar, de pedir ajuda e, dessa forma, fui aprendendo com os mais experientes. As palestras e os trabalhos científicos apresentados deram uma grande contribuição para o meu aprimoramento pessoal, na medida em que é uma oportunidade a mais que temos de conhecer como as pesquisas estão se desenvolvendo nesse campo.

5) Em sua opinião, quais os prós e contras do maciço emprego da informação disponível na Internet pelos estudantes nas atividades de ensino hoje verificado?

O ponto positivo do emprego maciço da informação veiculada na internet pelos alunos é que eles podem ter acesso, rapidamente, ao que ocorre no mundo científico em qualquer lugar que estejam. Entretanto, é preciso selecionar as informações, pois nem todas são confiáveis. Por outro lado, parece que o uso dessa ferramenta faz com que os alunos não queiram mais pensar, refletir, uma vez que muitos utilizam indevidamente as informações pesquisadas. É algo que deve ser mais discutido no âmbito universitário.

6) Observa-se hoje quadro de expansão de fronteiras agrícolas, sojicultura à frente, atingindo a sua região de atuação e tornando iminente o aparecimento de problemas fitonematológicos? Relatos de *Tubixaba* sp. e outras espécies possivelmente causando danos já começam a se difundir. Como você analisa tal cenário?

Sim. Com a expansão da fronteira agrícola, especialmente a sojicultura, vários problemas surgiram no Estado do Maranhão, alguns deles causados pelos próprios produtores. Como exemplo, podemos citar a ocorrência do nematoide de cisto (*Heterodera glycines*), introduzido certamente na região por meio de máquinas e implementos trazidos de áreas contaminadas em outros estados. Este ano, durante o 44º Congresso Brasileiro de Fitopatologia, em Bento Gonçalves, relatei a ocorrência de *Pratylenchus penetrans* em lavouras de soja em três municípios. Esse é mais um problema grave para os produtores que já se encontram às voltas com outras nematoses. *Tubixaba* sp. foi encontrado em áreas de soja no Sul e no Leste do Estado. Embora ainda haja dúvidas quanto aos danos que esse nematoide possa causar à soja, é mais um desafio a enfrentar.

7) A mudança no cenário agrícola regional, citada na questão anterior, poderia servir para motivar maior número de jovens recursos humanos formados na área de Nematologia a atuar nas regiões Norte e Nordeste? Isto já tem acontecido?

Tenho alertado os meus alunos sobre a crescente importância dos fitonematoídeos e a escassez de profissionais qualificados para trabalhar na área de Nematologia. Alguns já demonstram interesse, porém a maioria prefere atuar em outras áreas da Agronomia, por achar a Fitopatologia um campo muito difícil. O problema de renovação de pessoal na Nematologia, especialmente no Norte e Nordeste, é preocupante. Os problemas se avolumam e não há recursos humanos suficientes para desenvolver estudos nessa área.

8) O cultivo de orquídeas, um de seus hobbies, representou válvula de escape para você em relação às “dores de cabeça” trazidas pela Nematologia ou esta, após décadas de convivência, acabou também se tornando alvo de sua afeição?

O interesse pelas orquídeas, meu hobby preferido, nasceu no primeiro ano de Agronomia, quando vi uma bela jovem (que a Teresa me perdoe) entrar no ônibus com uma touceira de *Cattleya labiata* florida. Em Recife, na minha casa, mantinha algumas orquídeas “cultivadas” em uma jaqueira no quintal. Quando vim para o Maranhão, durante as viagens de trabalho ao interior, coletava algumas espécies (naquela época não era crime), dando início à minha coleção que hoje já ultrapassa algumas centenas. Foi na ESALQ, conversando com alguns funcionários que cuidavam do orquidário que aprendi a cultivá-las. É no orquidário que relaxo, esqueço as dificuldades do trabalho e, às vezes, naquela concentração, surge uma idéia de alguma pesquisa a ser realizada. A Nematologia nunca me deu “dores de cabeça”. Acredito que me tornei um fitopatologista que gosta de estudar as doenças causadas pelos fitonematoídeos (assim me defino) por prazer e ambas são motivos de paixão.